

## O LIVRO PROIBIDO DE PAULA DE SEQUEIRA\*

Rebeca Carla de Souza Vivas\*\*

**Resumo:** A comunicação pretende analisar em que medida a leitura de *Diana*, livro do português Jorge de Montemayor, que teve uma sua obra inclusa no *Index Librorum Prohibitorum*, teria levado uma lisboeta residente em Salvador, Paula de Sequeira, a ser denunciada durante a primeira visitaçã do Santo Ofício às partes do Brasil em 1591. Busca-se apresentar uma nova interpretação sobre as motivações da ação inquisitorial contra Paula de Sequeira, que diverge daquela sustentada por Ronaldo Vainfas em sua obra *Trópico dos Pecados* (1989).

**Palavras-chave:** Bahia Século XVI; Censura Literária; Condição Feminina.

### 1. INTRODUÇÃO

Aos vinte dias do mês de Agosto do ano de 1591, no decurso da primeira visitaçã do Santo Ofício à Bahia, iniciada em julho de 1591, a lisboeta residente na Cidade do Salvador Paula de Sequeira, casada, 40 anos, compareceu à mesa do licenciado Heitor Furtado de Mendonça para confessar suas culpas<sup>1</sup>. Em suas confissões, registradas oficialmente por Manoel Francisco, o notário, refere-se ao seu envolvimento sexual com uma mulher, Felipa de Souza, e à sua experiência particular com certos tipos de práticas mágicas, dentre outros procedimentos que revelariam uma postura subversiva assumida frente aos costumes de sua época.

Também há importantes referências a Paula de Sequeira no livro das *Denúncias da Bahia*<sup>2</sup>. Além disso, em algumas obras de historiadores contemporâneos há breves referências ao caso. Em *Trópico dos Pecados*, por exemplo, Ronaldo Vainfas estabelece uma ligação entre a leitura do livro em questão, o romance pastoril *Diana* do autor português Jorge de Montemayor, e as aventuras amorosas de Paula com Felipa de Souza, levantando a hipótese de que o conteúdo do romance teria inspirado a leitora:

Considerado “livro desonesto” pelo censors do Santo Ofício, *Diana* narrava os amores de duas moças, sugerindo uma “sensibilidade homossexual ao mesmo tempo intensa e cândida” – possível razão não apenas da censura inquisitorial como do vivo interesse de Paula pelo livro. Tanto falava sobre *Diana*, recitando-o para as amigas, que acabaria processada por tê-lo consigo e, revelando-se corajosa, Paula desafiaria o visitador dizendo “que não havia razão de defenderem tal livro”, “que tinha muito gosto” de lê-lo, e por sua vontade o leria sempre, não fosse por sabê-lo “quase todo de cor”.<sup>3</sup>

\*\* Estudante do curso de Licenciatura em História da UFBA, participante voluntária do PIBIC-UFBA, sob orientação do Prof. Dr. Evergton Sales Souza.

<sup>1</sup> *Primeira Visitaçã do Santo Ofício às Partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça: Confissões da Bahia 1591-92*. Prefácio de ABREU, J. Capistrano de. Rio de Janeiro: Edição da Sociedade Capistrano de Abreu, 1935.

<sup>2</sup> *Primeira Visitaçã do Santo Ofício às Partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça: Denúncias da Bahia 1591-93, introdução* de ABREU, J. Capistrano de. São Paulo: Ed. Paulo Prado, 1925.

<sup>3</sup> VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1989, pp. 178-179

Apesar de parecer meramente informativa e sintética, desta passagem é possível inferir indagações a respeito da relação de Paula com o livro. De que forma um romance pastoril, cuja temática envolve conhecidamente amores não correspondidos entre homens e mulheres seria proibido pela Inquisição por narrar um romance entre duas moças? Existe de fato uma ligação entre a leitura de *Diana* e a rebeldia notável de Paula de Sequeira?

## 2. (LOS SIETE LIBROS DE LA) DIANA, DE JORGE DE MONTEMAYOR

A publicação de *Los Siete Libros de La Diana* em 1559(?) marca a eclosão de um novo gênero literário na Espanha do chamado “Siglo de Oro”: a novela pastoril. Se há dissensão quanto ao criador, já que para alguns autores, foi o próprio Jorge de Montemayor<sup>4</sup> e para outros o italiano Sannazaro, autor de *Arcadia*, obra do mesmo gênero, porém lançada anteriormente, o consenso reside no fato de que é do romance de Montemayor o mérito pelo sucesso da novela pastoril na Europa.

Embora fizesse parte do complexo artístico renascentista, que se encontrava em status de gênese, o gênero pastoril resguardava elementos da atmosfera medieval, especialmente porque cabia aos Pastores o papel principal e ao âmbito campestre – o chamado *locus amoenus* – o pano de fundo ideal que, somado aos personagens principais, produzia o bucolismo característico da corrente. Nesse universo idealizado, em que a natureza era descrita de maneira humanizada e um tanto sensual, os pastores e pastoras lamentavam através de cantigas suas desventuras amorosas, protagonizando histórias surreais de amores inatingíveis ou perdidos, coadjuvadas por sábios residentes em palácios suntuosos, bem como ninfas, deuses e deusas do panteão greco-romano, revelando um estilo literário imbuído pelo neoplatonismo e pelo ideal clássico retomado pelo Renascimento.

A *Diana* é uma novela pastoril dividida em sete livros, tendo como tronco principal a estória de Sireno, um pastor que lamenta o abandono pela sua amada Diana, forçada a se casar com outro. Um outro pastor, Silvano, também nutre um amor não correspondido por Diana, mas diferentemente do pastor Sireno, refere-se a ela com pesar e ódio. Em paralelo, desenrola-se a estória de outros pastores que como eles, dedicavam-se a lamentar suas desventuras. A *Diana* possui uma estrutura simétrica: é possível perceber que a partir do quarto livro, “capítulo” central, as estórias começam a caminhar para desfechos positivos. Este quarto livro se passa no palácio da sábia Felícia, que num passe de mágica – literalmente – manipula o destino das personagens, ordenando-as de modo a criar novos e apaixonados casais. A exceção fica por conta do sofrido Sireno, que pela mágica de Felícia é induzido a esquecer Diana, mantendo-se alheio e estranhamente conformado com o amor impossível.

A novela de Montemayor era inovadora forma de tratar o enredo, pois pela primeira vez, uma história de amor deixa de ter como foco principal um único casal, muito comum na literatura do medievo, para investir em múltiplos casais paralelos. Estruturalmente, Montemayor também trazia inovações: quando o gênero literário em voga anteriormente, as *caballerías*, deixa aos poucos de agradar o público, o estilo pastoril cai no gosto sobretudo da aristocracia, por conseguir refletir a sociedade da época de uma forma elegante, combinando verso e prosa de maneira livre, mas sem retirar musicalidade às cantigas:

*Aparte los atractivos literarios, con que pudiera cautivar al lector, la Diana respondia con plenitud y fortuna a todo un conjunto de apetencias de índole*

---

<sup>4</sup> Catedrático de Literatura Espanhola da *Universidad Autónoma de Madrid*, em seu *Introducción a la novela del Siglo de Oro, Tomo I - Edad de Oro (formas de narrativa idealista)*, publicado nas atas do *Seminário Edad de Oro I*, Madrid: Universidade Autónoma de Madrid, 1982, Antonio Rey Hazas se refere à novela pastoril como “creación inquestionable de Jorge de Montemayor”.

*social, o de mera curiosidad novedosa, mucho más Allá de cualquier interes estético; “En la falta de sentimiento – dice Menéndez y Pelayo – Montemayor está a la altura de Sannanzaro, aunque la dissimule mejor con el arte de galanteria en que era consumado maestro. Y esto explica en parte su éxito: reflejaba el mejor tono de la sociedad de su tiempo, era la novela elegante por excelencia, el manual de la conversación culta y atildada entre damas y galanes del fin del siglo XVI, que encontraban ya anticuados y brutales los libros de caballerías, y se perecían por la metafísica amorosa y por los ingeniosos conceptos de los petrarquistas. Montemayor los transporto de la poesia lírica la novela, y realizo con arte y fortuna lo que prematuramente habían intentado los autores de narraciones sentimentales; es decir, la creación de un tipo de novela cuya única inspiración fuese el amor o lo que por tal se tenia entre los cortesanos”<sup>5</sup>*

### 3. JORGE DE MONTEMAYOR E O SANTO OFÍCIO

Ainda que fosse um nome de importância da novela pastoril espanhola do século XVI, Jorge de Montemayor não escapou à censura inquisitorial. Aliás, grandes nomes da literatura foram censurados pela Inquisição, entre eles Gil Vicente e Luís de Camões. O autor português, nascido em Monte Maior, nos arredores de Coimbra, que depois se naturalizou espanhol, publicou em 1554 uma obra denominada *Cancionero*, que consistia em “poemas de assunto religioso que culminam em las obras de devoción”<sup>6</sup>. Esta coleção continha poesias religiosas e profanas, e as primeiras foram proibidas pelo Santo Ofício, por conter graves erros e confusões teológicas.

### 4. PAULA DE SEQUEIRA E A DIANA EM RONALDO VAINFAS

O historiador Ronaldo Vainfas tem contribuído muito para o aprofundamento do conhecimento sobre a presença inquisitorial no Brasil, sobre os seus processos e as peculiaridades dos muitos casos registrados. É, inclusive, responsável pela reedição do livro das *Confissões da Bahia*, com notas explicativas que esclarecem as dúvidas que eventualmente possam surgir na leitura da também importante edição de J. Capistrano de Abreu (1935)<sup>7</sup>. Ainda assim, as informações que concernem ao caso Paula e à sua relação com a *Diana* de Montemayor, contidas tanto na sua edição das *Confissões da Bahia* quanto em *Trópico dos Pecados*, quando postas em diálogo isoladamente, soam um pouco confusas. Para demonstrar o choque de informações, cabe retomar a citação completa de *Trópico dos Pecados*:

“Outro caso notável foi o de Paula de Siqueira, mulher de 38 anos, esposa do contador da fazenda d’El Rei na Bahia. Paula era uma mulher especial, sobretudo por que sabia ler, rara virtude entre as mulheres daquele tempo. No entanto, sua leitura preferida era *Diana*, romance pastoril do espanhol Jorge de

<sup>5</sup> ALBORG, Juan Luis. *Historia de la Literatura Española: Edad Media y Renacimiento (Tomo I)*. Madrid, 1986, pp. 929-930.

<sup>6</sup> *La Diana de Jorge de Montemayor*, em [www.jose.navarro.eresmas.net/novelapastoril.html](http://www.jose.navarro.eresmas.net/novelapastoril.html), acessado em 26/06/2006.

<sup>7</sup> As dúvidas às quais me refiro são oriundas da forma como as confissões se apresentam na edição de J. Capistrano de Abreu, que procura apenas transcrever as confissões, enquanto Vainfas procura oferecer informações importantes e complementares através das notas explicativas. É importante lembrar, contudo, que a edição de 1935 de Capistrano de Abreu fornece outras informações que são exclusivas, como a transcrição dos éditos, dos traslados e do monitorio do Inquisidor.

Montemayor, escrito em 1559 e logo incluído no rol de livros proibidos pela Inquisição. Considerado “livro desonesto” pelo censors do Santo Ofício, *Diana* narra os amores de duas moças, sugerindo uma “sensibilidade homossexual ao mesmo tempo intensa e cândida” – possível razão não apenas da censura inquisitorial como do vivo interesse de Paula pelo livro. Tanto falava sobre *Diana*, recitando-o para as amigas, que acabaria processada por tê-lo consigo e, revelando-se corajosa, Paula desafiaria o visitador dizendo “que não havia razão de defenderem tal livro”, “que tinha muito gosto” de lê-lo, e por sua vontade o leria sempre, não fosse por sabê-lo “quase todo de cor”.<sup>8</sup>

Em *Confissões...*, nas notas de rodapé do caso de Paula e nas de um outro confessante<sup>9</sup> havia as seguintes informações:

Trata-se do livro *Diana*, do escritor português Jorge de Montemor, publicado em espanhol, pois na Espanha morava o autor, que adorou a forma traduzida de seu nome Jorge de Monte Mayor. **Escrito em 1559 e logo incluído no rol de livros proibidos pela Inquisição, é um romance pastoril carregado de paixão amorosa.**<sup>10</sup>

Processada, sobretudo por ler *Diana*, de Monte Mayor. Condenada a sair em público, vela acesa na mão, para ouvir missa de pé, na Sé, a penitências espirituais e pagamento de cinquenta cruzados para o Santo Ofício. Abjuração de leve suspeita na mesa.<sup>11</sup>

Sem levar em consideração as incertezas quanto à nacionalidade do autor e quanto à idade de Paula que divergem nas duas fontes<sup>12</sup>, há também pouca consistência na razão pela qual, segundo ele, a *Diana* teria sido incluída no *Index*, como mostram as passagens grifadas. Afinal por que motivo a *Diana* foi censurada, segundo Vainfas: sugestão de homossexualidade ou excesso de paixão amorosa?

Para responder a esta questão, é preciso refletir sobre como o Santo Ofício português costumava administrar as publicações literárias da época. Segundo Anita Novinsky, em 1543 apareceu o primeiro *Index* de Roma e logo depois, em 1547, saíria a primeira lista portuguesa de livros proibidos. E não foi a única: cada vez que surgia um novo *Index*, maior era o número de livros censurados. Ainda segundo Novinsky, “a censura de livros foi severíssima e eram considerados heréticos os que se referiam a ‘coisas lascivas e desonestas’, livros sobre feitiçarias, astrologia, assim como qualquer escrito contra a Santa Fé Católica e os bons costumes”.<sup>13</sup>

Como criador da novela pastoril, lançada num período de gênese renascentista, portanto, de retomada dos ideais clássicos de beleza, de hedonismo, da valorização dos prazeres mundanos, não é absurdo algum imaginar que Jorge de Montemayor e suas obras, vanguardistas sem dúvida, tenham sido perseguidos pela Inquisição. De fato, *Diana* guarda passagens de natureza sensual, como:

(...) vieron una pastora durmiendo, cuya hermosura no menos admiración les puso que si la hermosa Diana vieran delante sus ojos. Tenía una saya azul clara, um jubón de una tela tán delicada que mostraba la perfección y compás del

<sup>8</sup> VAINFAS, Ronaldo. Op. Cit. Grifo do autor.

<sup>9</sup> Caso irrelevante neste momento. Confissão de um outro leitor de *A Diana*.

<sup>10</sup> *Confissões da Bahia*, edição de VAINFAS, Ronaldo. P. 99 (nota de rodapé). Grifo do autor.

<sup>11</sup> Id., p. 104

<sup>12</sup> Na própria confissão editada por Ronaldo Vainfas, o notário registrara 40 anos como a idade de Paula na época da confissão, por que então 38 anos em *Trópico dos Pecados*, de autoria do mesmo Vainfas?

<sup>13</sup> NOVINSKY, Anita Waingort. *A Inquisição*. São Paulo, 1986, p 54.

blanco pecho, por que el sayuelo que del mismo color de la saya era, le tenía suelto de manera que aquel gracioso bulto se podia bien divisar.<sup>14</sup>

Portanto, por conter passagens que sugerem certa sensualidade, *Diana* pode ter sido considerada, por alguns, obra “desonesta”, o que resultaria na censura por parte do Santo Ofício. Entretanto, de onde viria a homossexualidade, ou melhor, a “sensibilidade homossexual ao mesmo tempo intensa e cândida” à qual Vainfas se refere? Certamente, há um equívoco de interpretação, mas é possível que não seja do historiador em questão, já que ele faz uma citação de outrem, embora não informe a fonte dessa citação. É possível reconhecer o equívoco, após a leitura de *Diana*. Em certa passagem, a pastora Selvagia sente-se, ao mesmo tempo curiosa e seduzida por alguém, cujo rosto não conseguia ver por estar coberto por um véu. Imaginando ser uma moça, a pastora Selvagia sente-se confusa de início, mas suas dúvidas logo desaparecem quando ela percebe que se trata de um homem disfarçado, o pastor Alanio, numa brincadeira encabeçada por uma outra pastora, Ismenia. Selvagia sente-se enganada e, sem ter o amor de Alanio, passa a lamentar como todos os outros pastores, essa desventura amorosa. Mesmo tendo Selvagia se interessado por quem imaginou por um momento ser uma mulher, a intenção de Montemayor não era de sugerir homossexualidade. As tendências neoplatônicas fazem com que o amor na novela pastoril passe a um campo espiritual, verificada no desejo pela essência do outro. Mesmo coberto por um véu, a essência de Alanio foi percebida por Selvagia, e por isso ela se sentiu atraída e desejou-o. Vale lembrar que a temática pastoril não costumava abordar paixões homossexuais. Ao menos, não há registros de abordagens desse tipo em qualquer uma das referências pesquisadas, tampouco nas publicações especializadas. Definitivamente, *Diana* não narrava “os amores de duas moças”.

Portanto, uma vez que não há registros de homossexualidade em *Diana*, tampouco é o tipo de narrativa usual em novelas pastoris, é difícil imaginar em que se baseia Ronaldo Vainfas quando escreve que Paula de Sequeira “não tardaria a verificar, na prática, como eram os amores sugeridos em seu livro predileto. Inspirada por Montemayor, cedeu encantada às pressões de uma tal Felipa de Souza (...)”. A falta de consistência já presente na afirmação da existência de homossexualidade em *Diana* teria induzido ao erro de afirmar que Paula foi inspirada por algo que o romance nem mesmo abordava.

## 5. O LIVRO PROIBIDO DE PAULA DE SEQUEIRA

Lígia Bellini, em *A Coisa Obscura*, também faz referência ao caso de Paula de Sequeira, e diz que ela foi sentenciada em setembro de 1591, por possuir a *Diana* “e outro de sonetos de Montemayor”<sup>15</sup>. Considerando que, em 1554, Jorge de Montemayor teve certos sonetos como parte de uma obra de viés religioso censurados (e há fontes que comprovam esta censura) seria o *Cancionero*, o livro proibido que rendeu a Paula um processo em 1591? Seria o *Cancionero* e não a *Diana*, afinal, o livro proibido de Paula de Sequeira? É possível. Mesmo sendo obra de publicação posterior de Montemayor (1559), o fato do autor já ter sido censurado pela Inquisição pode ter potencializado as críticas acerca de suas obras posteriores, estigmatizando a *Diana*. E uma vez que Paula possuía ambos e gabava-se de mais essa transgressão, foi punida por tal motivo.

<sup>14</sup> MONTEMAYOR, Jorge de. *Los Siete Libros de Diana (libro tercero)* In: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes (<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01471607690136217429079/index.htm>) acessado em 20/06/2006

<sup>15</sup> BELLINI, Lígia. *A Coisa Obscura*. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, apresentada à Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1987, p. 22.

Ronaldo Vainfas e os autores que citaram o caso de Paula de Sequeira, como Lígia Bellini e Laura de Mello e Souza<sup>16</sup>, concordam que ela era uma rebelde incomum: cristã velha, branca, casada com o contador da Fazenda Real, portanto de boa condição social, situação almejada por muitas mulheres da colônia. Mas sendo mulher, não deixava de ser pressionada pela ordem misógina de sua época. A misoginia, tão presente em sua vida através da violência do marido, foi o que a levou às “magias de querer bem”. A mesma misoginia estava na base da restrita liberdade social concedida às mulheres nessas sociedades de Antigo Regime, proporcionando, entre elas, estreitas amizades que, por vezes, culminaram em “amizades nefandas”. Afirmar que Paula de Sequeira foi “inspirada por Montemayor” é, portanto, exagerar a importância deste romance em sua vida.

Ainda que Paula demonstrasse orgulho em possuir livros proibidos, isto não seria suficiente para encobrir ou diminuir o peso que suas relações com Felipa de Souza tinham no seu rol de infrações. Vale lembrar que, depois dos judaizantes, os sodomitas foram os mais severamente perseguidos pela Santa Inquisição<sup>17</sup>.

O acesso à *Diana* talvez fosse apenas uma forma de entretenimento. E a novela de Jorge de Montemayor, de fato, foi um sucesso entre as elites no século XVI<sup>18</sup>.

## REFERÊNCIAS

ALBORG, Juan Luis. *Historia de la Literatura Española: Edad Media y Renacimiento*. Madrid: Editorial Gredos, 1986.

BELLINI, Lígia. *A Coisa Obscura: Mulher, Sodomia e Inquisição no Brasil Colonial*. Salvador: Dissertação de Mestrado da Universidade Federal da Bahia, 1987.

HAZAS, Antonio Rey. *Introducción a la novela del Siglo de Oro, Tomo I. Edad de Oro (Formas de Narrativa Idealista)*. Publicado nas atas do Seminário Edad de Oro I. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 1982.

*História das Mulheres no Brasil*. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos) 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

*Historia y Crítica de la Literatura Española: Siglos de Oro: Renacimiento*. Francisco Rico (org.); s/l,s/a.

MONTEMAYOR, Jorge de. *Los Siete Libros de la Diana*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes ([www.cervantesvirtual.com](http://www.cervantesvirtual.com)) acessado e impresso entre os dias 20 e 26/06/2006.

MONTEMAYOR, Jorge de. *Los Siete Libros de La Diana (Libro Cuarto)*. In: YNDURAIN, Francisco. **Antología de la Novela Española**. Madrid: Curso Superior de Investigaciones Científicas, 1954.

<sup>16</sup> SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e A Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986, p. 131.

<sup>17</sup> MOTT, Luiz. *Justitia et Misericórdia: A Inquisição Portuguesa e a Repressão ao Nefando Pecado de Sodomia*. In: *Inquisição: Ensaios sobre Mentalidade, Heresias e Arte*: s/l s/a. pp. 703-738.

<sup>18</sup> GERHARDT, Mia I.; ESTRADA, Francisco López y CHEVALIER, Máxime. *La Novela Pastoral Y El Éxito de La Diana*. In: *Historia y Crítica de La Literatura Española*. Francisco Rico (org.)

MOTT, Luiz. *Justitia et Misericórdia: A Inquisição Portuguesa e a Repressão ao Nefando Pecado de Sodomia*. In: **Inquisição: Ensaios sobre Mentalidade, Heresias e Arte: s/l s/a**.

NOVINSKY, Anita Novinsky. *A Inquisição*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PRAT, Angel Valbuena. y SAZ, Augustín Del. *La Novela en el Siglo de Oro*. In: **(Historia de la Literatura Española Siglos XII-XVII)**. Barcelona: Editorial Juventud, s/a.

*Primeira Visitação do Santo Offício às Partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça – Confissões da Bahia – 1591-92*. Prefácio de J. Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1935.

*Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil – Confissões da Bahia*. Ronaldo Vainfas (org.) São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados: Moral Sexualidade e Inquisição no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.